

Mulheres, mães e professoras: vivências e dilemas com o ensino remoto emergencial

Women, mothers and female teachers: experiences and dilemmas with emergency remote teaching

Mujeres, madres y maestras: experiencias y dilemas con la enseñanza remota de emergencia

Raiany Priscila Paiva Medeiros Nonato¹

Maria Juliana do Nascimento²

Maria Jocelma duarte de lima³

Francisca Elizonete de Souza Lima⁴

Cicero Nilton Moreira da Silva⁵

Resumo

O presente trabalho tem por objetivo investigar os impactos decorrentes do ensino remoto emergencial na vida de mães professoras. Dados da Organização das Nações Unidas para a Igualdade de Gênero e o Empoderamento das Mulheres, demonstram que os impactos e implicações da pandemia da Covid-19, são diferentes entre mulheres e homens, sendo elas, as mais impactadas. Com vistas a averiguar tal assertiva, foi aplicado um questionário através do Formulário *Online Google Docs*, com mulheres que são mães e professoras da rede pública de ensino. Com base na análise das respostas, pode-se verificar que, além de desafiadora, a realidade do ensino remoto também gerou desgastate e sobrecarga na vida das mães professoras, que precisaram gerenciar a sala de aula dentro de suas próprias casas, juntamente com outras tarefas que em uma sociedade patriarcal, são responsabilidades exclusivas das mulheres, a exemplo das atividades domésticas, cuidado com a família e acompanhamento escolar dos filhos.

Palavras-Chave: Covid-19. Ensino Remoto Emergencial. Mães Professoras. Pandemia.

Abstract

This work aims to investigate the impacts resulting from emergency remote teaching on the lives of teacher mothers. Data from the United Nations Organization for Gender Equality and the Empowerment of Women demonstrate that the impacts and implications of the Covid-19 pandemic are different between women and men, although women are the most impacted

¹ SEEC/RN.

² Mestra em Ensino pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino, da UERN. Atualmente Vice-diretora da Escola Municipal Edilton Fernandes no município de Marcelino Vieira/RN.

³ Discente pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino (PPGE), no Curso de Mestrado Acadêmico em Ensino (CMAE) da UERN/CAPF. Professora da Rede Municipal de Ensino de José da Penha/RN.

⁴ Doutoranda em Geografia (PPGE/UFRN). Docente do curso de Geografia (DGE/CAA/UERN).

⁵ Doutor em Geografia pela Universidade Federal do Ceará. Atua como Professor Adjunto, do Quadro Permanente, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Campus de Pau dos Ferros-RN.

ones. In order to verify this assertion, a questionnaire was applied by using the Google Docs Online Form with women who are mothers and teachers in the Brazilian public school system. Based on the analysis of the answers, it can be pointed out that, in addition to being challenging, the reality of remote teaching also generated fatigue and overload in the lives of teacher mothers, who had to manage their classrooms within their own homes, along with other tasks that, in a patriarchal society, are women's exclusive responsibilities, such as housework, family care and children's school attendance.

Keywords: Covid-19. Emergency Remote Teaching. Teacher Mothers. Pandemic.

Resumen

Este trabajo tiene como objetivo investigar los impactos resultantes de la enseñanza remota de emergencia en la vida de las maestras que son madres. Datos de la Organización de las Naciones Unidas para la Igualdad de Género y el Empoderamiento de las Mujeres demuestran que los impactos e implicaciones de la pandemia de Covid-19 son diferentes entre mujeres y hombres, aunque las mujeres son las más afectadas. Para verificar esta afirmación, se aplicó el cuestionario a través del Formulario en línea de Google Docs con mujeres que son madres y docentes en el sistema escolar público brasileño. Con base en el análisis de las respuestas, se puede señalar que, además de ser desafiante, la realidad de la enseñanza a distancia también generó fatiga y sobrecarga en la vida de las madres docentes, quienes debían administrar sus aulas dentro de sus propios hogares, junto con otras tareas que, en una sociedad patriarcal, son responsabilidades exclusivas de las mujeres, como las tareas del hogar, el cuidado de la familia y la asistencia a la escuela de los hijos.

Palabras Clave: Covid-19. Enseñanza Remota de Emergencia. Maestras que son Madres. Pandemia.

Introdução

No início do ano de 2020 jamais imaginava-se que viveria-se um momento tão conturbado e repleto de incertezas. Certamente a História, com H maiúsculo, contará com detalhes o período da pandemia da Covid-19, causada por um vírus com alto poder de disseminação, cuja a forma de prevenção mais eficaz para frear o seu avanço, era inicialmente, apenas o distanciamento social. Diante desse cenário, o “mundo inteiro” parou, e como consequência, as escolas tiveram que fechar suas portas e iniciou-se um período de ensino remoto emergencial.

Um período que marcará a educação, onde educadores de todos os cantos resignificaram suas práticas, suas didáticas e principalmente, seus locais de trabalho, “abrindo” as portas de suas casas para que, com o auxílio da tecnologia, pudessem dar continuidade ao ensino. Outra marca desse momento, foi o escancaramento das desigualdades sociais, bem como da desigual distribuição de tarefas existentes entre homens e mulheres.

E é justamente esse o ponto central dessa discussão, pois, diante desse cenário, a mulher exerce uma tríplice tarefa no ambiente de sua casa: dona de

casa, mãe e profissional, muitas vezes tendo que exercer todos os papéis simultaneamente, acarretando assim, em um acúmulo de tarefas e conseqüentemente, em um desgaste físico-emocional. Diante disso, este trabalho tem como objetivo investigar os impactos decorrentes do ensino remoto emergencial na vida de mães professoras.

No que se refere aos aspectos metodológicos, a pesquisa caracteriza-se por uma abordagem qualitativa, norteadas por olhares e reflexões acerca dos dilemas e vivências de mães professoras com o ensino remoto. O trabalho consistiu em uma fase de pesquisa bibliográfica, fundamentada em autores como Alves (2020), Araújo (2020), Daros (2020), Jesus e Myrrha (2020), dentre outros. Além disso, considerou-se as pesquisas realizadas por organizações como o Todos Pela Educação (2020) e da Organização das Nações Unidas para a Igualdade de Gênero e o Empoderamento das Mulheres, mais conhecida como ONU Mulheres (2020), entre outros. Como segunda etapa de pesquisa, foi aplicado um questionário, com mulheres que são mães e professoras, composto por 08 questões, estruturado com questões fechadas e abertas; organizado em três aspectos: perfil das colaboradoras, concepções e vivências com o ensino remoto. A aplicação do questionário foi realizada através de um Formulário *Online Google Docs*, no mês de setembro de 2020.

Como respondentes, contou-se com a colaboração de seis professoras da rede pública de ensino que atuam na Educação Básica, no território do Alto Oeste Potiguar: Professora 1 (P1), Professora 2 (P2), Professora 3 (P3), Professora 4 (P4), Professora 5 (P5) e Professora 6 (P6). A análise dos resultados foi feita através da Análise de Conteúdo (AC), que segundo Bardin (2011, p. 37), “é um conjunto de técnicas de análise das comunicações”. Seguindo as definições de Bardin (2011), primeiro organizou-se a análise, através da leitura flutuante e da transcrição das falas das colaboradoras em arquivo no processador de textos *Microsoft Word*; segundo, definiu-se categorias e subcategorias analíticas, que nortearam a interpretação dos dados construídos, por fim, realizou-se a interpretação das falas e discussão dos principais achados, por meio dos quais buscou-se atribuir significados às vivências e experiências das mães professoras com a realidade de ensino remoto emergencial.

O estudo está organizado em cinco seções: esta introdução, com a apresentação da pesquisa e descrição da metodologia utilizada; a segunda seção, trata da desigualdade de gênero, reforçada em tempos de pandemia da Covid-19; enquanto na terceira seção, apresenta-se as reflexões acerca dos

desafios a partir do ensino remoto emergencial; a quarta seção, aborda os dilemas e vivências sobre o ensino remoto a partir da concepção das colaboradoras e, por fim, são traçadas algumas considerações acerca da problemática estudada nesta pesquisa.

A questão da desigualdade de gênero em tempos de pandemia da Covid-19

Historicamente, a mulher esteve em um lugar de inferioridade na sociedade, quando comparada ao homem. Neste seguimento Beauvoir (2009, p. 25) afirma: “Sim, as mulheres, em seu conjunto, são inferiores ao homem, isto é, sua situação oferece-lhes possibilidades menores: o problema consiste em saber se esse estado de coisas deve se perpetuar”. Essa inferioridade é notada através da desigualdade de direitos, diferenças salariais, diferentes contextos de liberdade e independência, entre outros fatores. Dessa forma, as mulheres vêm empreendendo uma luta incansável por reconhecimento e igualdade, pois:

[...] Apesar das lutas seculares por direito a voto, acesso à educação, igualdade de direitos e deveres no matrimônio/no divórcio e no cuidado com os filhos, direitos reprodutivos (que inclui a legalização do aborto), ainda temos pífia participação nas decisões políticas e somos econômica e socialmente menos privilegiadas do que os homens, em média (INSFRAN; MUNIZ, 2020, p. 22).

Embora, tenham conseguido ampliar seus espaços de atuação para além das atividades domésticas, por exemplo, a partir de sua inserção no mercado de trabalho, é preciso lembrar que para emancipar-se profissionalmente, as mulheres têm que enfrentar uma jornada tripla, ao trabalhar em seu emprego formal, trabalhar em casa e cuidar dos filhos. Muitas das vezes não contando com ajuda de seu parceiro, resultando na desigual distribuição das atividades domésticas.

No Brasil, historicamente o trabalho doméstico é designado às mulheres e, por isso, antes da pandemia, mais de 80% da carga de tarefas domésticas eram de responsabilidade feminina. Em 2018, elas dedicavam quase o dobro do tempo que os homens dedicavam aos afazeres domésticos e cuidados com crianças e idosos, de acordo com os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua – PNADC (JESUS e MYRRH, 2020, s.p).

Deste modo, percebe-se que apesar da popularização dos debates e das

lutas feministas, as mulheres continuam a se deparar com a desigualdade de gênero, evidente de forma expressiva na distribuição do trabalho doméstico e no cuidado com as pessoas da família.

No dia 11 de março de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS), declarou que a disseminação comunitária da Covid-19 em todos os continentes, a caracterizava como uma pandemia. Como forma de conter o avanço da transmissão da Covid-19, a OMS recomenda entre outras ações, o distanciamento social.

Com isso, aumenta-se o tempo de permanência das pessoas em casa e, conseqüentemente, a quantidade de tarefas domésticas. Além disso, em virtude do fechamento temporário das escolas, as crianças passam o dia inteiro em casa dependendo do cuidado integral dos pais ou responsáveis. Tudo isso acarretou numa sobrecarga ainda maior para as mulheres que, agora precisam dar conta do cuidado da casa, dos filhos e do trabalho formal (*home office*) em um mesmo ambiente, o de suas casas.

Segundo o relatório "Mulheres no centro da luta contra a crise Covid-19", divulgado no final de março de 2020 pela ONU Mulheres, as mulheres são mais impactadas pela pandemia. Entre os impactos apontados no relatório, destaca-se aqui, o fato de que elas "continuam sendo as mais afetadas pelo trabalho não-remunerado, principalmente em tempos de crise" (ONU MULHERES, 2020), pois, são as responsáveis pelo cuidado com os filhos e acompanhamento escolar, bem como pelo cuidado dos idosos e doentes da família, para além das tarefas domésticas, que aumentam consideravelmente. Isso afeta várias dimensões da vida das mulheres, como a dimensão econômica, impactada também pela pandemia e essa situação se agrava entre grupos de mulheres ainda mais vulneráveis:

Sobre os aspectos econômicos, as mais fragilizadas são as mulheres mães de grupos mais vulnerabilizados (negras, pobres, mães solo e/ou em condições precárias de trabalho e existência), que estão desde o início da pandemia recebendo apoio de grupos de ativistas que recolhem doações de mantimentos e dinheiro para ajudá-las a sobreviver com suas famílias neste momento em que muitas perderam suas fontes de renda [...] (INSFRAN; MUNIZ, 2020, p. 36).

Assim, a pandemia veio apenas acentuar as muitas desigualdades sociais já enfrentadas por séculos. Veio escancarar ainda mais a desigualdade de gênero, mediante uma sociedade historicamente sexista e conservadora, que subjuga a mulher e tende a desvalorizar o seu trabalho doméstico e, tornar invisível até

mesmo, a sua luta por sobrevivência nesse contexto pandêmico. Contudo, como destacam as autoras acima, isso se torna ainda mais acentuado e desigual a partir de grupo de mulheres em situação de maiores vulnerabilidades. Na luta por igualdade de gênero, é preciso considerar as especificidades e os territórios onde estão localizadas cada mulher, pois mesmo nessa luta secular, ainda existem diferenças relevantes concernentes a “privilégios” de localização, de raça, de escolaridade, de sexualidade e de condições econômicas (INSFRAN; MUNIZ, 2020).

Considerando, portanto, as desigualdades de gênero no contexto da pandemia, especificando melhor esta pesquisa, busca-se aqui, investigar os impactos da pandemia na vida de mães professoras e como estas lidaram com o ensino remoto emergencial em 2020; uma vez que, professoras do mundo inteiro fizeram de suas próprias casas o seu ambiente de trabalho, em decorrência do distanciamento social, que suspendeu as aulas presenciais.

Por ser esse ambiente de trabalho remoto, também, o ambiente em que as mulheres desempenham outras tarefas como o cuidado da família, as atividades domésticas e o acompanhamento escolar dos filhos pequenos, acontece o que Nanah Vieira, cientista social e doutoranda em sociologia pela Universidade de Brasília (UnB) denomina de “precarização da vida das mulheres”, pois “a desigualdade de gênero é agravada porque as mulheres estão em casa. E a casa é um lugar de sobrecarga de um trabalho não remunerado” (NARAH VIEIRA apud SALAS, 2020).

Isso acontece porque elas já não têm mais a casa como lugar de descanso, do aconchego e do espaço que materializa as relações familiares e, sim o lugar de realizar todas as atividades ao longo do dia, o que é agravado quando não há uma divisão justa das tarefas, em virtude do fato da maioria dos homens não se envolverem com o cuidado dos filhos e da casa. Feito esse preâmbulo, considera-se pertinente discutir na seção seguinte alguns aspectos em volta dos cenários de ensino-aprendizagem motivados pelo ensino remoto emergencial.

Desafios em volta do ensino remoto emergencial: Quais os cenários de ensino-aprendizagem?

Em decorrência da pandemia da Covid-19, o mundo precisou se adaptar a uma nova realidade e nesse contexto, em março de 2020, por conta das medidas sanitárias e de distanciamento social indicadas pela OMS, começa-se a suspensão das aulas presenciais em escolas públicas e privadas de todo o Brasil. Uma vez que, não se tinha previsão acerca do retorno das aulas presenciais, a educação foi impulsionada a adotar novos cenários de ensino-aprendizagem. As escolas foram então orientadas, pelos órgãos e conselhos reguladores da educação nacional, a

desempenharem as atividades letivas através do ensino remoto.

A adoção dessa estratégia de ensino fez muita gente utilizá-la como sinônimo de Educação à Distância (EaD), todavia, é preciso esclarecer que não são a mesma coisa. De acordo com Daros (2020, s.p), o ensino remoto emerge como forma de “minimizar os impactos na aprendizagem dos estudantes advindos do sistema de ensino originalmente presencial, aplicadas neste momento de crise”. Enquanto que o modelo EaD, “foi desenhado para prestar atendimento, aplicar atividades, aulas e outras demandas em um ambiente de aprendizado, com apoio de tutores e recursos tecnológicos que favorecem o ensino” (DAROS, 2020, s.p).

Deste modo, o ensino remoto surge, em um contexto emergencial, como principal alternativa para que o ano letivo não fosse interrompido e os estudantes não fossem prejudicados, sendo uma mudança em caráter temporário decorrente da pandemia. Nesse contexto, Moreira, Henrique e Barros (2020, p. 352, grifos dos autores) destacam algumas considerações em torno desta mudança:

Com efeito, a suspensão das atividades letivas presenciais, por todo o mundo, gerou a obrigatoriedade dos professores e estudantes migrarem para a realidade *online*, transferindo e transpondo metodologias e práticas pedagógicas típicas dos territórios físicos de aprendizagem, naquilo que tem sido designado por ensino remoto de emergência. E na realidade, essa foi uma fase importante de transição em que os professores se transformaram em *youtubers* gravando vídeo-aulas e aprenderam a utilizar sistemas de videoconferência, como o *Skype*, o *Google Hangout* ou o *Zoom* e plataformas de aprendizagem, como o *Moodle*, o *Microsoft Teams* ou o *Google Classroom*.

Como pontuado na fala acima, durante a pandemia, as plataformas digitais se tornaram estratégias muito utilizadas para mediação dos processos de ensino-aprendizagem. Todavia, é preciso lembrar que, se a inserção de tecnologias como mediadoras destes processos, há muito já se constituíam como um desafio para a Educação Básica, sobretudo, para a escola pública, no âmbito do ensino remoto esse desafio torna-se ainda maior.

Isso, devido à ausência de uma infraestrutura mínima adequada para o desenvolvimento de atividades em plataformas digitais. Em certos casos, pela ausência de um objeto tecnológico adequado; pela ausência e/ou baixa qualidade de conectividade com a internet, ou ainda, pela falta de habilidade/experiência de estudantes e professores(as), para lidarem com as tecnologias digitais aliadas a práticas de educação formal.

Considera-se que, as estratégias de ensino remoto são importantes para

mitigar os efeitos danosos suscitados pela suspensão das aulas presenciais, no entanto, é evidente as condições limitadas que esta forma de ensino apresenta. Manifestadas por exemplo, no que diz respeito ao acesso à internet, conforme indica uma nota técnica elaborada pelo Movimento Todos Pela Educação (2020, p. 9), a qual assinala que “o Brasil tem hoje situação em que 67% dos domicílios possuem acesso à rede, sendo esse percentual muito diferente entre classes sociais: 99% para aqueles da classe A, 94% na B, 76% na C e 40% na DE [...]”.

Através destes dados, pode-se perceber que esta forma de ensino não consegue alcançar a todos, principalmente nas classes menos favorecidas, pois, existe um potencial considerável de sujeitos que não tem acesso à internet, os quais na maioria das vezes, estão justamente na escola pública, em razão de suas condições financeiras. Expressando as desigualdades presentes na sociedade brasileira, esta realidade tem sido objeto de preocupação de professores(as) e gestores (as), no tocante ao desenvolvimento das atividades e a dificuldade de manter contato com os estudantes.

E os desafios não param por aí, são equipamentos que não suportam os aplicativos digitais necessários, a falta de um ambiente adequado para a realização do *home office* dos(as) professores(as) e para os estudos dos estudantes, além de todo o cuidado e preocupação oriundos desse contexto pandêmico em que se vive.

Para Alves (2020), por mais que as crianças e adolescentes atendidos pela Educação Básica, tenham acesso a tecnologias digitais, estes a utilizam para entretenimento e não como forma de acesso a práticas de educação formal. Neste seguimento, verifica-se que, utilizar as tecnologias para a educação formal ainda é um desafio constante para a educação brasileira, já que, não era uma prática que fazia parte do cotidiano dos estudantes e nem dos(as) professores(as), então, não é o contexto de ensino emergencial que mudará essa realidade de forma imediata.

Outro ponto em volta do ensino remoto é a preparação dos(a) professores(a) para atuarem com esta estratégia de ensino. Araújo *et al.* (2020, s.p.), ressaltam que os(a) professores(a) não estão devidamente preparados para esta nova realidade educacional e com isso, “[...] lacunas de formação passam a aparecer fortemente como indício de sucateamento educacional, não adaptação aos novos momentos impostos pela tecnologia e imprevisto”.

Com a sala de aula deslocada para a sala de casa e a conseqüente ausência física dos(a) professores(a) na vida dos estudantes, há uma nova dinâmica na vida escolar, uma vez que, os pais passam a desempenhar a função de organizar o horário de estudo dos filhos e acompanhar o desenvolvimento das atividades. O que em certos casos, é um desafio enorme, principalmente, quando atenta-se para

o fato de que alguns pais encontram dificuldades para orientar e acompanhar as atividades dos filhos, em razão da baixa escolaridade.

Saraiva, Traversini e Lockmann (2020), relembram que o trabalho do(a) professor(a) no contexto do ensino remoto vai muito além da carga horária remunerada, referente a quantidade de horas contratadas, pois, o professor encontra-se disponível nos três turnos para responder perguntas e tirar dúvidas através do *WhatsApp*, incluindo aí também, o planejamento das atividades e o envio em diferentes formatos (seja digital ou impresso), mais o tempo para recebimento e correção das atividades.

É inegável que existe um contexto de sobrecarga sob o qual os(as) professores(as) estão inseridos, diante dos usos de diversos recursos para tentar chegar até aos estudantes, através da elaboração de atividades impressas encaminhadas às suas casas, da produção de videoaulas enviados por *Whatsapp*, *Facebook* e diversas outras plataformas digitais. Assim, pontua-se que, enganam-se àqueles que pensam que a paralisação das atividades presenciais neste período de pandemia resulta na paralisação das atividades educativas, muito pelo contrário, os(as) professores(as) têm trabalhado muito mais.

O trabalho docente tem sido desafiador e muitas vezes exaustivo, pois, exige que os profissionais estejam capacitados para lidar com a nova conjuntura, exige mais tempo e dedicação. E para as mulheres, o desafio é adicional pois, precisam se dividir entre o *home office*, as tarefas domésticas e o cuidado com os filhos, muitas vezes, sendo necessário executar ambos ao mesmo tempo. Sob esta perspectiva, Madalozzo (2020) fala em um trabalho “invisível” que é realizado em casa, e o quanto a conciliação dessas tarefas tem penalizado essas profissionais. Esse trabalho tem sido ainda mais exaustivo, pois, durante a pandemia as redes de apoio como escolas e creches para mães trabalhadoras não estão acontecendo. Sobre essa perspectiva de apoio nesses tempos tão complexos, de recrudescimento das desigualdades de gênero, considera-se necessário:

Apoiar: sustentar, amparar, firmar, auxiliar, ajudar. Todos esses verbos e outros tantos afins são capazes de confortar um indivíduo. Contudo, em se tratando de mulheres-mães, apoiar pode ser sinônimo de salvar, especialmente em um período tão desarranjado pelo qual temos vivido: uma pandemia que instaurou caos e medo desde o físico à alma (INSFRAN; MUNIZ, 2020, p. 43).

Diante do exposto, para refletir acerca do impacto do ensino remoto e da rotina de ensino remoto na vida de mães professoras, utiliza-se um questionário semiestruturado com questões abertas e fechadas, cujas respostas são analisadas

à luz da Análise de Conteúdo (AC), apresentadas e problematizadas na próxima seção.

A vivência de mães professoras com o ensino remoto

Para construção dos dados desta pesquisa, fez-se necessário conhecer as experiências de algumas mães professoras com a nova dinâmica de suas vidas profissional e pessoal, suscitadas pela pandemia. Para isso, elaborou-se e divulgou-se um questionário através do Formulário *Online Google Docs*, o qual foi respondido por seis colaboradoras, cujos perfis estão descritos no Quadro 01.

Quadro 01 - Perfil das colaboradoras

Colaboradoras	Faixa etária	Formação acadêmica	Nível de ensino em que atua	Tempo de experiência
P1	40-50	Graduada em Letras	Ensino Fundamental II	18 anos
P2	40-50	Graduada em Letras e Pós-graduada em Língua Portuguesa	Educação Infantil	19 anos
P3	30-40	Graduada em Pedagogia	Educação Infantil	18 anos
P4	40-50	Graduada e Pós-graduada em Matemática	Ensino Fundamental II	17 anos
P5	30-40	Graduada em Pedagogia	Ensino Fundamental I	3 anos
P6	40-50	Graduada e Pós-Graduada	Ensino Fundamental I	23 anos

Fonte: Questionário (2020)

No que se refere ao quantitativo de colaboradoras, ressalta-se que não é o propósito aqui fazer generalizações com relação à amostragem da pesquisa, mas sim, contribuir com as discussões em volta do ensino remoto a partir da vivência de mães professoras. Nesse sentido, o questionário foi compartilhado com grupos de professoras de escolas públicas localizadas na região do Alto Oeste Potiguar/Rio Grande do Norte, o qual obteve-se o retorno apenas de seis colaboradoras. Por não pretender a generalização, acredita-se que esse número de questionários respondidos já ajuda a construir reflexões importantes acerca da temática em tela. Assim, após as questões relativas ao perfil das colaboradoras, foram feitos questionamentos em torno de como estas concebem o ensino remoto (Quadro 02).

Quadro 02 – Concepções das mães professoras sobre o ensino remoto

Categorias de análise	Subcategorias de análise
Concepções sobre o ensino remoto	Injusto; pouco aprendido; ameniza impactos; transmissão em tempo real;
Qual a sua concepção sobre o ensino remoto?	
P1	Acredito que seja injusto e incompleto pois nem todos tem acesso ao mesmo.
P2	Fraco e com pouco aprendido.
P3	No que se refere à rede pública, acredito que 80% não está tendo avanços. Devido muitos pais não serem alfabetizados e outros apenas saberem ler, os quais não estão preparados para acompanhar seus filhos, nem recursos para ensiná-los.
P4	Muito trabalho.
P5	Uma forma de amenizar os impactos educacionais em tempos de pandemia.
P6	Diferentemente do EaD, o ensino remoto preconiza a transmissão em tempo real das aulas. A ideia é que professor e alunos de uma turma tenham interações nos mesmos horários em que as aulas da disciplina ocorreriam no modelo presencial.

Fonte: Questionário (2020)

Conforme pode ser visualizado, as respostas variaram entre desafios, potencialidade e definição em torno de como funciona. Para ter acesso ao ensino remoto através de plataformas digitais, há uma demanda de recursos mínimos, como um celular e internet com uma razoável conexão. E como evidenciado na nota técnica divulgada pelo Movimento Todos Pela Educação (2020), o percentual de acesso à internet entre os brasileiros difere muito entre as classes sociais, estando nas classes C (76%) e DE (40%) um percentual bem menor de acessos. Na maioria das vezes, são os alunos oriundos das classes supracitadas que estão na escola pública. E como tal recurso é essencial para ter acesso as atividades realizadas através de plataformas digitais, sua ausência para parte dos alunos acaba resultando na limitação citada por P1.

P2 declara que o ensino remoto é fraco e resulta em pouca aprendizagem e embora, não tenha apresentado argumentos que justificassem sua resposta, a colaboradora toca em um ponto importante, que acredita-se estar relacionado à mudança de rotina entre as aulas presenciais e remotas, já que nem todas as escolas estabelecem uma rotina específica de horário de aulas como no caso presencial. Ficando sob responsabilidade dos próprios alunos e pais, a organização dos horários relativos às aulas e atividades.

P3 fala da preocupação com o acompanhamento das atividades remotas pelos pais. De acordo com ela, as atividades não estão tendo avanços, devido

à ausência de preparo dos pais para tal tarefa, decorrente da falta de escolarização básica dos mesmos. P4 concebe que o ensino remoto traz muito trabalho. De fato, é uma dinâmica que exige muito do trabalho docente, e que tem estado muito além da carga horária remunerada dos(as) professores(as), conforme evidenciam Saraiva, Traversini e Lockmann (2020), já que estes passam a estar disponível nos três turnos e suas demandas de trabalho incluem, o planejamento, a mediação de aulas, o envio e correção de atividades avaliativas (sejam digitais ou impressas), além do tempo para tirar dúvidas dos(as) alunos(as) através de suas redes sociais pessoais.

P5 considera como uma alternativa de minimizar os impactos decorrentes da ausência de aulas presenciais por causa da pandemia. Não se pode negar que, apesar das limitações em volta desta estratégia, ela também tem sido importante e tem conseguido fazer com que o ano letivo não seja de fato totalmente comprometido para todos os(as) alunos(as). Contudo, no contexto de desigualdade social e, mais especificamente, desigualdade digital, qualquer medida com relação ao ensino remoto já é excludente, pois não é uma possibilidade de facultar ou não o ensino aos alunos, mas de permitir que aqueles que têm acesso a internet e a equipamentos digitais possam estudar, já aqueles que não têm, estão com a sua escolarização mais fragilizada ainda ou o direito a esta escolarização, negado.

Continuando as análises, P6 faz questão de diferenciar o ensino remoto da EaD e explica que tal estratégia preconiza a transmissão das aulas em tempo real para que alunos e professores tenham interações em horários semelhantes aos das disciplinas nas aulas presenciais. No entanto, algumas instituições optam pela entrega de atividades impressas e a disponibilização de vídeos gravados pelos professores, ao invés da aula online.

Em seguida, procurou-se averiguar como tem sido a vivência das mães professoras com o ensino remoto; as respostas podem ser observadas no Quadro 03 que está dividido em duas questões centrais:

Quadro 03 – Vivências das mães professoras com o ensino remoto

Categorias de análise	Subcategorias de análise
Vivência com o ensino remoto	Dificuldade no processo de ensino aprendizagem; ausência de recursos; estresse; conciliar diferentes tarefas simultaneamente.
Quais os principais desafios do exercício docente no contexto do ensino remoto?	
P1	Fazer com que os discentes recebam e absorvam os conteúdos necessários ao aprendizado.
P2	Não ensinar e mandar atividades aleatórias.

P3	Recursos.
P4	O interesse que os alunos não demonstram pela realização das atividades.
P5	Transmitir de forma coerente e objetiva os conteúdos selecionados para que os alunos aprendam através de vídeos gravados no celular.
P6	Os recursos que não são suficientes, nem de excelência.
Como tem sido a experiência de conciliar o exercício da profissão docente com as tarefas domésticas e o cuidado dos filhos em tempo integral?	
P1	Tem sido um desafio conciliar tantas funções ao mesmo tempo, sinto que não estou dando a devida atenção aos meus filhos.
P2	Bem complicada.
P3	Apesar de ser professora, ensinar para os filhos no início foi meio complicado, porém tem sido muito bom acompanhá-los e alfabetizar minha filha de cinco anos que estava iniciando esse processo de alfabetização e foi cortada devido a pandemia. Hoje tudo está tranquilo, já deu tempo de organizar horários para atividades domésticas e escolares.
P4	Estressante.
P5	Um verdadeiro caos. Mas tentamos dar conta fazendo as coisas darem certo.
P6	Super esgotante e estressante, mas precisamos ser como sempre polivalentes.

Fonte: Questionário (2020)

Como salientado, pelas colaboradoras, o ensino remoto tem se apresentado como um desafio na vida dos(as) professores(as), tirando esses(as) profissionais das suas “zonas de conforto” e colocando-os(as) em constante busca por novas formas de mediar o processo de ensino-aprendizagem, agora através das tecnologias digitais. Diante da mudança repentina, não houve tempo para planejamentos e/ou formações direcionadas para o ensino remoto, o que fez com que os(as) professores buscassem se adequar à nova realidade cada um à sua maneira.

As colaboradoras P1 e P5, destacam que sentem dificuldade nesse processo de ensino-aprendizagem agora no modelo remoto. Acredita-se que a preocupação das professoras referente à aprendizagem dos estudantes, relaciona-se ao fato de que na sala de aula presencial há uma troca/diálogo imediata entre alunos e professores, e no ensino remoto não há essa interação imediata (com exceção das instituições que optaram pelas aulas síncronas *online*).

P3 e P6 destacam outro ponto que tem tornado essa forma de ensino desafiadora, a falta de recursos. Recursos tecnológicos e muitas vezes humanos também, pois, o(a) profissional precisa de apoio nesse processo, desde o auxílio em filmagens e edições até a colaboração das pessoas que

moram com eles(as), pois tornar sua própria casa, a sua sala de aula, não é um processo fácil.

A P4 aborda outro ponto chave desse ensino remoto, que é a falta de interesse de alguns alunos em realizar essas atividades. Isso interfere diretamente na prática das professoras, pois, para que aconteça o processo de ensino-aprendizagem há necessidade de participação ativa dos alunos, da troca de experiências, dos questionamentos, e é dessa forma que o aprendizado flui, e a professora sozinha não é capaz de realizar tal dinâmica.

Finaliza-se com a percepção de P2, que inclusive, faz uma declaração de peso, ao afirmar que o ensino remoto não é um ensino e que trabalha com atividades aleatórias. Sabe-se que apesar dos desafios constantes, essa é a forma de ensino que vai prevalecer no ano letivo de 2020 e 2021, e que se deve ter um maior cuidado ao falar a respeito da mesma. Não é fácil estar no papel de professor(a) durante o ensino remoto, porém, cabe aos mesmos valorizar esse processo, pois, sabe-se que na sociedade muitos julgam o trabalho do professor e dizem que nesse período não estão trabalhando. Portanto, é crucial que os docentes não adotem esse discurso, mas apresentem os desafios que enfrentam e as maneiras com que tem se reinventado para a educação não parar. Ao mesmo tempo, é preciso defender a perspectiva de ser esse modelo de ensino apenas emergencial, pois nada se compara ao ensino presencial que permite, inclusive, uma socialização mais significativa.

O relatório "Mulheres no centro da luta contra a crise Covid-19", divulgado no final de março pela ONU Mulheres, evidenciou que a pandemia da Covid-19 tem impactado de forma mais severa na vida de mulheres no mundo todo, isso porque há uma sobrecarga de trabalho devido a desigual distribuição de tarefas domésticas, bem como com o cuidado com os filhos, além da necessidade de realizar o trabalho formal no âmbito de seus lares, de forma que precisam exercer o papel de "dona de casa", mãe e profissional simultaneamente.

Neste sentido, perguntou-se às colaboradoras como tem sido a experiência de conciliar o exercício da profissão docente com as tarefas domésticas e o cuidado dos filhos em tempo integral no mesmo ambiente. De maneira geral, as colaboradoras destacam o desafio de conciliar tantas atividades, as quais acabam resultando no acúmulo de tarefas em virtude do distanciamento social, em que as pessoas passam mais tempo em casa, aumentando assim a demanda de trabalho doméstico. Esse acúmulo de tarefas, por sua vez, resulta no desgaste físico e mental, aumentando o nível de estresse.

Outro aspecto que se pode destacar a partir da fala de P1 é o que concerne à

uma sobrecarga emocional, em que as mulheres se culpam por não conseguirem realizar todas as tarefas da melhor forma e/ou não terem tempo para ficar com os filhos, uma vez que, estão sempre perto deles, porém “distantes” devido estarem sempre ocupadas.

P3 afirma estar mais presente na vida dos filhos, salientando inclusive, que tem conseguido acompanhar as aulas e conteúdos escolares de sua filha. Esta é mais uma tarefa adicionada à já longa lista de tarefas desempenhadas pelas mulheres, que agora, são ainda mais responsáveis pelo processo educativo de seus filhos.

Destarte, percebe-se o quanto essa nova realidade tem sido desafiante e esgotante para as mulheres que são a um só tempo mães e professoras. Apesar da pandemia ser desafiante para todos, para as mulheres os desafios são adicionais, em consequência de serem elas as responsáveis pela grande parte dos trabalhos domésticos, que aumentaram consideravelmente em decorrência do distanciamento social e da permanência integral das famílias em casa.

Frente à suspensão das aulas presenciais, as crianças permanecem o dia todo em casa e também precisam do acompanhamento escolar, que em geral, também é feito pelas mães – uma vez que as aulas são remotas, as crianças precisam de mais atenção e ajuda com tarefas escolares. Dessa forma, ao mesmo tempo que lidam com os desafios “normais” que o distanciamento impõe e que são comuns a todos, recaí sobre elas uma espécie de trabalho invisível que penaliza e desgasta ainda mais essas profissionais.

Conclusão

Diante das reflexões desenvolvidas neste trabalho, destaca-se alguns dos constantes desafios em volta do ensino remoto na perspectiva das mães professoras. Neste sentido, ressalta-se que as mulheres têm sido fortemente impactadas pela pandemia, diante da diversidade de responsabilidades cotidianas que recaem sobre elas, tanto na vida profissional, quanto no que se refere ao papel de mães e “donas de casa”.

Pelo que foi evidenciado nas falas das colaboradoras, tais desafios concentram-se em torno de conciliar as atividades de casa, cuidar dos filhos e o *home office*. Há também a preocupação das mães professoras com o alcance desta estratégia de ensino aos seus alunos, uma vez que nem todos têm condições que favoreçam suas participações nas aulas e atividades remotas. Segundo algumas colaboradoras, faltam ainda recursos e acompanhamento educacional dos alunos por parte dos seus responsáveis, em

certos casos, pela falta de escolarização destes, os que têm dificuldade de orientar as atividades educacionais dos filhos.

Apesar da popularização dos debates e das lutas feministas, as mulheres ainda se deparam com problemas históricos, como a desigualdade de gênero, demonstrada na desigual distribuição de tarefas domésticas e responsabilidades entre homens e mulheres, que tem se tornado cada vez mais expressiva durante a pandemia da Covid-19. Por isso, as mães professoras já exerciam e, agora, acentua-se o desenvolvimento da tríplice tarefa que as afeta fortemente, ocasionando acúmulo de trabalhos e conseqüentemente, esgotamento físico e emocional.

Para além disso, terem sido obrigadas a trabalharem em casa, de maneira repentina, sem a capacitação necessária, também fragiliza sua prática pedagógica, já que o tempo de planejamento e execução das tarefas, somado com as dificuldades no acesso e uso das tecnologias digitais, tem sido impactado negativamente pelo *home office*. Tudo isso é muito complexo e gera um desgaste maior, especialmente para aquelas professoras que são geralmente muito responsáveis e preocupadas com a maneira que os seus alunos aprendem e se essa aprendizagem tem sido significativa.

Aqui cabe, portanto, a nossa solidariedade a essas mulheres, mães e professoras. Cabe a nossa luta para fortalecer as redes de apoio as mulheres, que mitigam de certa forma, as dores causadas pela desigualdade de gênero. Cabe o nosso grito, talvez tímido pelas páginas aqui escritas, no que concerne à melhoria das condições de formação e de trabalho das mulheres professoras; no que concerne à criação, implementação e fortalecimento de políticas públicas educacionais que visem diminuir as desigualdades no território brasileiro. Essa pandemia tem demonstrado o quanto precisamos melhorar o sistema educacional em nosso país, e o quanto a ciência, a educação são chaves para vencermos esse período trágico.

Compreende-se que as reflexões aqui desenvolvidas andam longe de dar conta da amplitude de questões que envolvem a temática estudada, entretanto, consideramos a relevância desta discussão para os debates em torno da pandemia e de seus impactos na vida das mulheres, que estão lidando com os desafios cotidianos do *home office*, do confinamento, do cuidado dos filhos em tempo integral e do trabalho doméstico.

Referências

ALVES, Lyn. Educação remota: entre a ilusão e a realidade. **Interfaces Científicas**, Aracaju, v. 8, n.3, p. 348-365. 2020. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/educacao/article/view/9251> . Acesso em: 10 set.

2020.

ARAÚJO, Cleberon Vieira de. *et al.* Ensino Remoto na Educação Pública de Nazarezinho –PB: Desafios Docentes. *In: Congresso sobre tecnologias na Educação (Ctrl+E20). Educação do Futuro: tecnologias e pessoas para transformar o mundo*, 5, 2020, João Pessoa/PB/Brasil. **Anais[...]**. Evento *Online*. 2020, 9 p. Disponível em: <https://sol.sbc.org.br/index.php/ctrl/article/view/11380/11243> . Acesso em: 12 set. 2020.

BARDIN, Lawrence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Tradução de Sérgio de Milliet. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

DAROS, Thuinie. Quais são as diferenças entre ensino remoto e EAD? **UniCesumar Educação a Distância**, 2020. Disponível em: <https://www.unicesumar.edu.br/blog/diferenca-entre-ensino-remoto-e-ead/> . Acesso em: 02 set. 2020.

INSFRAN, Fernanda Fochi Nogueira; MUNIZ, Ana Guimarães Correa Ramos. Maternagem e Covid 19: desigualdade de gênero sendo reafirmada na pandemia. **Diversitates International Journal**, v. 12, n. 2, julho/dezembro, 2020, p. 26-47. Disponível em: <http://www.diversitates.uff.br/index.php/1diversitates-uff1/article/view/314/248> . Acesso em: 02 nov. 2020.

JESUS, Jordana Cristina de.; MYRRHA, Luana Junqueira Dias. Os afazeres domésticos antes e depois da pandemia: desigualdades sociais e de gênero. **Demografia UFRN**, 2020. Disponível em: <https://demografiufrn.net/2020/07/16/afazeres-domesticos-antes-e-depois/> . Acesso em: 12 set. 2020.

MADALOZZO, Regina. Desafios enfrentados pelas mulheres se intensificam neste período de pandemia. **Insper**, 2020. Disponível em: <https://www.insper.edu.br/noticias/mulheres-desafios-pandemia/> . Acesso em: 03 set. 2020.

MOREIRA, José Antônio Marques; HENRIQUES, Susana; BARROS, Daniela. Transitando de um ensino remoto emergencial para uma educação digital em rede, em tempos de pandemia. **Dialogia**, São Paulo, n. 34, p. 351-364, jan./abr. 2020. Disponível em: doi.org/10.5585/Dialogia.N34.17123. Acesso em: 10 set. 2020.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A IGUALDADE DE GÊNERO E O EMPODERAMENTO DAS MULHERES - ONU MULHERES. **Gênero e Covid-19 na América Latina e no Caribe: Dimensões de Gênero na resposta**, 2020. Disponível em: http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2020/03/ONU-MULHERES-COVID19_LAC.pdf . Acesso em: 10 set. 2020.

SALAS, Paula. O malabarismo de ser mãe e professora na quarentena. **Nova Escola**, 2020. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/19529/dupla-jornada-os-desafios-das-professoras-que-sao-maes-durante-a-quarentena> . Acesso em: 15 set. 2020.

SARAIVA, Karla.; TRAVERSINI, Clarice. LOCKMANN, Kamila. A educação em tempos de COVID-19: ensino remoto e exaustão docente. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 15, publicação contínua: e2016289, p. 1-24. 2020. Disponível em:



<https://revistas.apps.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/16289/209209213529> . Acesso em: 30 ago. 2020.

TODOS PELA EDUCAÇÃO. Nota técnica - **Ensino a distância na Educação básica frente à pandemia da COVID-19**. Abril de 2020. 19 p. Disponível em:
https://www.todospelaeducacao.org.br/_uploads/_posts/425.pdf?1730332266=&utm_source=conteudo-nota&utm_medium=hiperlink-download . Acesso em: 03 set. 2020.

Recebido em: 22/08/2022

Aprovado em: 12/11/2022

Publicado em: 07/12/2022